

Anexo 1

1.1. Revista Música em Si - 2015.2 - editada pela Universidade Federal do Ceará

a- Matéria apresentando a OSUFC:





MATÉRIA DE CAPA -----

ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFC: A MÚSICA INSTRUMENTAL NA UNIVERSIDADE;
- ENTREVISTA COM O PROF. DR. ELVIS DE MATOS;
- ENTREVISTA COM O PROF. DR. JADERSON TEIXEIRA;

DIVULGAÇÃO ARTÍSTICA -----

DIVULGAÇÃO ARTÍSTICA: SAUDADES DA BAHIA;
CORAL DO ICA CANTA CAYMMI;

EUROCHESTRIES 2015 -----

- O EVENTO;
- A ORGANIZAÇÃO;
- RELATO DE UM PARTICIPANTE DO EVENTO;

ALBERTO NEPOMUCENO
DO REGIONAL PARA O UNIVERSAL

COLUNA CULTURA CEARÁ
PROJETO JACQUES KLEIN: MÚSICA PARA TODAS AS CRIANÇAS

TIRANDO ONDA
O DIA EM QUE O MARCELO FALTOU.

MURAL DE FOTOS



MATÉRIA DE CAPA

**ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFC:
A MÚSICA INSTRUMENTAL NA UNIVERSIDADE**

Por: Jan Severo e Bianca Peixoto

A orquestra da UFC que vemos funcionando a todo vapor em eventos dentro e fora da universidade, teve um longo percurso de construção. Sobre este processo o Prof. Dr. Elvis de Matos responde a respeito das questões institucionais que envolveram a criação da orquestra, e os impactos da mesma para a UFC, o ICA, o curso de música e a comunidade.

A UFC já teve em algum momento de sua história uma orquestra?



Prof. Dr. Elvis Matos: Sim, no final dos anos 70, começo dos anos 80 a UFC estabeleceu uma parceria com o SESI. Havia uma orquestra de cordas que era regida pelo professor Vasken Fermanian, professor nosso vinculado à pró-reitoria de extensão, na carreira que hoje se chama ensino básico técnico tecnológico, e na época se chamava professor de primeiro e segundo grau. O professor Vasken também trabalhava no SESI, então havia uma cooperação entre as duas instituições, e através dessa cooperação a orquestra funcionava.

MATÉRIA DE CAPA

Os músicos da orquestra da UFC devem ter um vínculo com a instituição, ou podem também ser bons músicos da comunidade?

Prof. Dr. Elvis Matos: Eles podem ser bons músicos da comunidade. É desejável que eles sejam bons músicos da comunidade que procuram a universidade, como também é desejável que a universidade forme bons músicos para atender a comunidade, uma via de mão dupla. E aí existem vários grupos hoje que estamos chamando de grupos de base, que são atividades de extensão que acolhem pessoas que ainda não estão prontas para integrar a orquestra, mas que têm esse desejo.

Quando abrimos seleção para a orquestra, não estamos apenas abrindo seleção para a orquestra ou para o grupo principal, nós vamos avaliar as pessoas que nos procuram e tentaremos acolher da melhor forma possível, dando orientação, por exemplo: você não está pronto para integrar a orquestra, mas você pode fazer isso e isso, e o espaço para você fazer é esse com professor X e Y. Quer dizer, nós não podemos descartar ninguém, temos que integrar as pessoas. O planeta precisa disso, precisamos disso.

Existe alguma verba destinada a manutenção para a constante melhoria da orquestra, para compra de equipamentos, materiais?

Prof. Dr. Elvis Matos: Bom, isso é uma coisa complexa. O ministério da educação não gasta com arte, ele não gasta com cultura. Ou seja, o dinheiro que chega na universidade não pode ser usado para as atividades artísticas, para a manutenção das atividades artísticas, não existe essa rubrica. O que existe é a rubrica de compra de material permanente e materiais de consumo. E aí sim, nesse sentido estamos trabalhando junto com a pró-reitoria de planejamento e a pró-reitoria de administração na aquisição de instrumentos. Ao mesmo tempo, trabalhamos também a possibilidade de termos técnicos de manutenção para esses instrumentos, ou seja, teríamos concursos para admissão de servidores. Enquanto esse concurso não vem, porque depende de vagas que vêm de Brasília, a gente vai tentar trabalhar, fazer termos de referência para a pró-reitoria de planejamento dizendo qual o perfil de profissional que precisamos para ser contratado temporariamente.

Enquanto não conseguimos resolver a questão do concurso para os profissionais de manutenção, existe todo um esforço, todo um interesse de garantirmos as condições de trabalho, mas isso precisa ser construído. Não é normal na realidade em que trabalhamos você ter esse tipo de grupo sendo mantido por uma instituição universitária, uma instituição universitária pública. As instituições

razão das restrições orçamentárias que nós temos. A separação da cultura e da educação acaba fazendo as coisas muito difíceis. Hoje sabemos que dentro do MEC existe uma discussão em torno disso, para resolver o fomento às artes dentro da universidade, mesmo porque os cursos da área estão se multiplicando.

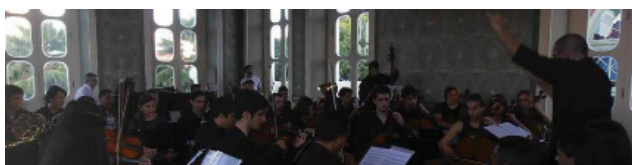


Em que a criação da orquestra agregará ao ICA, à instituição e à comunidade?

Prof. Dr. Elvis Matos: Bom, eu acho que antes da gente falar do ICA a gente tem que falar do curso de música. Você está dando mais uma possibilidade de exercício musical, criando um ambiente no qual o estudante possa descobrir mais possibilidades de expressão musical. É um grande equívoco separar o professor de música do músico, não existe isso.

Um professor de música só pode ser professor de música se ele for músico, se tiver uma prática musical criativa. É claro que ele não vai competir com o pessoal que vive de tocar, isso é uma outra coisa, mas ser músico é essencial. Então a primeira coisa é nós compreendermos que esse espaço de musical instrumental, digamos assim, que se junta ao espaço de música vocal, que já temos, de uma história longa de 56 anos, são espaços de formação, são espaços nos quais as pessoas que estão em processo de formação inicial, como graduandos do curso de licenciatura em música, tenham a possibilidade de descobrir que podem tocar trompa, por exemplo.

Nós precisamos criar essas possibilidades, porque nosso estudante ainda chega sem ter tido a oportunidade de viver isso antes na educação básica. A educação básica não nos oferece isso, e é estranho que se cobre isso do estudante para ingressar no ensino superior. Não podemos fazer essa cobrança porque ela é injusta, mas podemos criar condições para que essa exploração das possibilidades seja ampla, e temos feito isso com o coro, com a orquestra, com o grupo de violões, enfim, com os grupos que existem como consequência da existência do curso. Então, essa coisa vai



se expandido.

O que ocorre dentro do curso impacta imediatamente no que ocorre dentro da unidade acadêmica, que é o ICA, e das outras unidades acadêmicas também, porque é uma coisa que observamos hoje na orquestra, é que estudantes que são de outros cursos da UFC, de outras áreas, por terem tido em algum momento do seu percurso uma relação com música, uma relação com esses instrumentos, começam a procurar a orquestra. O impacto no ICA é grande, porque o curso de música está dentro dele, mas impacta também nas outras unidades acadêmicas. Isso é importantíssimo. Eu penso que a partir daí, vamos começar a ter um processo de desmitificação do que seja orquestra, porque você fala assim: "orquestra", e já vem todo um mito em torno da coisa, "uuu, orquestra". Não é exatamente assim que a coisa deveria ser encarada. Deveria ser encarada com naturalidade.

Outro problema também é que quando pensamos em orquestra, nós pensamos em um repertório específico, um repertório europeu. Normalmente o repertório europeu do século XIX para trás, que fica ali do século XIX ao século XVII mais ou menos. Uma das destinações, uma das angústias boas que nós temos, é tentar encontrar uma identidade para esse trabalho, da mesma forma que foi feito com o canto coral.

O canto coral da UFC redimensionou o panorama da música vocal na nossa realidade porque optou por fazer música brasileira, e tem feito até hoje prioritariamente. No caso do coral da UFC era praticamente exclusivo. No caso da orquestra não é exclusivamente, mas é prioritariamente. A gente está tentando encontrar mecanismos como formar grupos para compor ou arranjar para a orquestra, que nos garanta a possibilidade de ter um repertório que constitua essa identidade, que nos fortaleça.

Eu acho que aí o impacto para o curso, para o ICA, para a comunidade, para o planeta é muito grande, porque você tem um grupo de pessoas que estão se juntando para fazer uma coisa bonita, mas a partir da sua realidade, dos seus referenciais estéticos e sem muito deslumbramento. Seria bom se fosse sem deslumbramento nenhum, porque quem faz música também de vez em quando fica muito deslumbrado, como se fosse um super-herói, com uma empáfia porque toca, porque canta, porque sobe no palco. Na verdade, isso é para ser uma coisa mais simples, mais cotidiana. Talvez o maior impacto fosse esse, entender isso como uma atividade humana, a qual todas as pessoas deveriam ter acesso. À medida que não tem, a coisa fica mitificada, o que gera para nós um grande problema, porque de repente as pessoas acham que você é especial, mas não sabem o porquê, porque não entendem aquilo que você faz, porque está muito distante delas.



Atual regente da orquestra o Prof. Dr. Jaderson Teixeira, nos fala sobre o início dessa história através do grupo Encordoados, os desafios do trabalho e os planos para o futuro.

Sabemos que os moldes para a criação da orquestra se deu com a formação de um grupo de instrumentistas diversos chamado "Encordoados". O senhor pode explicar como começou esse grupo?



Prof. Dr. Jaderson Teixeira: Esse grupo começou com uma iniciativa do professor Elvis Matos. Ele viu alguns estudantes de violino tocando nos corredores, assim como algumas pessoas tocando flauta transversal, e dentro de uma política que está totalmente em conformidade com o plano pedagógico do curso de música da UFC, ele viu nisso uma oportunidade de juntar essas pessoas e mais uma vez pensar em um aprendizado compartilhado. Então no primeiro momento o que houve foi isso: a criação de um grupo de estudos de música instrumental.

Como era feito o trabalho no "Encordoados" já que ainda não configurava-se como orquestra e os instrumentos eram de variados?

Prof. Dr. Jaderson Teixeira: Não se pensava nessa formação orquestral especificamente, mas o grande desafio foi, e de certa forma, continuará sendo - e acho que é um desafio lindo e precisamos não pensar em enfrentá-lo, mas encará-lo como uma oportunidade - é justamente que hajam pessoas com formações e trajetórias musicais diferentes, e que possam fazer música com boa qualidade apesar das diferenças de nível técnico ou de vivências musicais e que na verdade, tenham essas diferenças como uma oportunidade, na expectativa de que as pessoas possam aprender umas com as outras.

O modo como eu lidei com isso, depois que o grupo passou para a minha coordenação, foi através dos arranjos musicais. A maior dificuldade que enfrentamos na época nem foi a questão das diferenças de nível, mas da constância do grupo. O grupo mudava de cara com muita facilidade e o fato de se ter, por exemplo, só um clarinete, de certa forma era bastante complicador nessa etapa da formação da orquestra. Se o clarinete tinha solo em determinados momentos e o clarinetista não ia para o ensaio, isso acabava sendo um fator complicador e que a gente precisou lidar a curto prazo nessa etapa da formação.

MATÉRIA DE CAPA

A partir de qual momento os "Encordoados" passaram a ser a Orquestra de Câmara da UFC?

Prof. Dr. Jaderson Teixeira: Essa ideia (de uma orquestra) é muito antiga. Com o advento dos Encordoados, e dele ter se configurado com diversos instrumentos da palheta orquestral, essa ideia começou a ser germinada. Essa ideia foi sendo alimentada de forma subliminar, eu diria, hibernando.

Com o passar dos trabalhos, começamos a ter uma parceria muito estreita com o professor Elvis, que já estava na Secretaria de Cultura, e houveram incentivos da parte dele. Tivemos algumas bolsas amparadas pela Secretaria de Cultura e começamos a fazer apresentações. O reitor viu uma ou duas dessas apresentações e ficou muito entusiasmado com a coisa. Ele tinha uma ideia - que foi muito bem aproveitada pelos gestores da época e pelo professor Elvis, que foi com quem o reitor falou diretamente, - queria ter uma orquestra. Mas o que o reitor queria na época era contratar técnicos-administrativos para que tivéssemos uma orquestra com os técnicos e com os alunos da graduação. A proposta do professor Elvis, foi pensar não na contratação de técnicos-administrativos, mas na de professores para o curso superior de música que pudessem amparar a construção desse núcleo orquestral. Aí a ideia cresceu. Cresceu com esse incentivo político e com o advento concreto das quatro vagas para professor. Hoje essa ideia já está totalmente concretizada. Os quatro professores já estão trabalhando e temos os quatro grupos de práticas instrumentais.



Sabendo que atualmente o senhor é o regente da orquestra. Como está o desenvolvimento desse trabalho?

Por decisão dos professores que fazem parte do núcleo da orquestra, nós temos aplicado uma prática de regência compartilhada. Tenho intercalado muito isso com o professor Leandro Serafim. Temos procurado alimentar esse compartilhamento da regência.

Tem uma coisa que a gente tem enfatizado muito e que tem sido uma novidade no mínimo nacional, é a possibilidade de ter um núcleo orquestral em um curso de licenciatura. Eu acho que é uma realidade extremamente inovadora, provocativa e que a médio prazo vai ter um resultado bastante interessante, inclusive para compartilhar com outros curso de licenciatura, pensando em compartilhar o que tivemos de ganhos e também o que pode melhorar e quais foram as lacunas e desafios numa prática instrumental, dentro de um curso que se mantém num plano pedagógico que enfatiza a música vocal, a importância do solfejo e a ideia da voz como sendo um instrumento muito importante para a formação do músico-professor.

É preciso pensar na música orquestral dentro de uma perspectiva de formação musical, da formação humana do músico, da formação musical do sujeito de uma forma mais abrangente, de modo que essa atividade possa integrar a profissionalização desse músico, mas que não seja de forma especializada, que venha alimentar a ideia de um jovem instrumentista para desbravar uma forma de ver a vida e a atividade musical absolutamente focada na música instrumental. A ideia é agregar valor às experiências musicais do músico-professor.

O senhor já tinha alguma experiência como regente de orquestra?

Prof. Dr. Jaderson Teixeira: Não, não tinha experiência alguma e essa vivência tem sido muito animadora para mim. Quando eu dei aula no Instituto Federal (IFCE), dei aula de clarinete, teclado em grupo e flauta doce. Nós tínhamos atividades de música de câmara e nessas atividades eu tive a oportunidade de coordenar esses grupos, mas não como regente, de pé, com gestos específicos de um condutor, o que não deixa de ser regência, mas essa atividade de regência específica, eu comecei a experimentar dentro dos Encordoados.

Antes do professor Leandro Serafim chegar, a forma como a gente lidava com essa condução era em círculo, eu fazia parte desse círculo tocando fagote e nunca ficava em pé, às vezes regia um pouco. Tive muita dificuldade porque eu tentava reger com o instrumento, e isso até funciona, mas numa perspectiva de ensaio você fica dividido entre as duas atividades, e isso ficou mais confortável quando o Leandro chegou porque nós começamos a intercalar a regência.

MATÉRIA DE CAPA

Quais as maiores dificuldades encontradas para a manutenção de um trabalho de qualidade no grupo?

Prof. Dr. Jaderson Teixeira: Um trabalho na orquestra é extremamente complicado. Mais complicado do que eu posso dar conta, por isso foi muito bem-vinda a chegada do professor Leandro, que já tem essa experiência administrativa.

A curto prazo, temos feito muita coisa por conta própria, pelo bem da causa, porque ainda falta uma estrutura para a manutenção da orquestra. Essa estrutura não é só pensar em fazer uma seleção, ter um contingente suficiente de instrumentistas para ensaiar, ter repertório e regente. Isso é apenas um dos fatores para uma manutenção de uma atividade desse porte. Quando temos uma apresentação é preciso ter alguém que leve as coisas, as estantes, quem traga essas coisas, o aparato de pastas, de cópias de partituras etc.

Do ponto de vista artístico, sem falar sobre a questão da heterogeneidade do grupo, temos tentado lidar com isso pensando em consultar os professores sobre a viabilidade da execução das peças para os instrumentistas. Vendo a viabilidade, a gente já propõe a peça para que ela seja ensaiada.

Uma dificuldade com a qual a gente vai precisar lidar sempre é a de tentar contar, em pelo menos o período de um ano, com o mesmo grupo de integrantes. Nenhum grupo grande, nem pequeno, funciona com uma rotatividade grande demais de integrantes em um espaço muito curto de tempo. Nesse sentido temos um ganho artístico que de certa forma se conquista a partir de determinadas metas que são administrativas, que essas pessoas saibam que estão entrando no grupo para fazer parte de uma determinada temporada, ou para viajar para determinado lugar e participar de um festival. Para realizar determinados concertos que a gente já se programou para fazer dentro de finais de ciclos.

São desafios de todo jeito, e se pensarmos em todos eles ao mesmo tempo pode até dar vontade de desistir. Mas no final das contas, num belo dia, quando a gente faz o ensaio e a música está funcionando melhor, verificamos que vale a pena o investimento e que temos mesmo é que continuar, e que essa é a nossa missão.

Como é feita a escolha do repertório da orquestra? E como se dão os ensaios?

Prof. Dr. Jaderson Teixeira: A escolha do repertório dentro de uma filosofia que vem sendo concretizada e continua sendo bem-vinda e alimentada no plano pedagógico do curso de música, tem enfatizado a música brasileira. Como o curso da UFC tem uma bandeira muito grande, clara e bem definida voltada para o repertório de música brasileira, pode dar a entender que os professores estão se fechando para tocar outro tipo de repertório, como se fosse uma coisa tão dogmática que a gente não pode tocar outro tipo de coisa. Na minha fala, e eu acredito que os professores estavam bem abertos a isso, eu senti a necessidade de enfatizar justamente que a gente não precisa e não deve lidar apenas com repertório brasileiro. Isso não invalida em nada a ênfase que devemos continuar dando à música brasileira, pelo contrário, isso ressalta a nossa música pela comparação com outras culturas, e pela possibilidade que damos aos nossos futuros professores de conhecer, de está imerso numa realidade musical que terão a oportunidade de experimentar essas outras músicas, os desafios, o que elas tem de novo ou de diferente esteticamente a oferecer, e o que podemos aprender com essas estruturas para que também façamos nossas músicas e nossos novos arranjos.

Quanto aos ensaios, eles estão acontecendo nas terças e quartas-feiras das 16h às 18h. Temos trabalhado na perspectiva dos ensaios em duas etapas: os ensaios de naipes, cordas e metais; e os ensaios gerais.



MATÉRIA DE CAPA

Já há alguma agenda de compromissos da orquestra?

Prof. Dr. Jaderson Teixeira: Estamos construindo essa agenda desde a metade de agosto mais ou menos, porque havíamos assumido um compromisso com a reitoria de tocar na cerimônia de posse do reitor e tivemos que nos concentrar no repertório que precisávamos tocar lá, peças voltadas para o cerimonial de posse. A cerimônia de posse não aconteceu, e a partir de então começamos a nos voltar para a constituição de repertório específico.

Estamos ensaiando as duas primeiras peças do repertório: Batuque, de Lorenzo Fernandez e Oceano, do Djavan, em um arranjo meu. Estamos pensando na obtenção de dinheiro para a viagem que possivelmente iremos fazer para o festival de Gramado no próximo ano. Estamos também nos mobilizando juntamente com o núcleo do campus da UFC de Sobral para tenhamos um repertório em comum, para que possamos ter concretamente pelo menos daqui até o final de outubro, um delineamento claro de um repertório conjunto, com ensaios que nós faríamos quinzenalmente para que no final do semestre tenhamos como oferecer para a comunidade um concerto de encerramento do semestre, em que estaríamos mais uma vez confirmando essa parceria com o campus de Sobral.



b- Materia sobre o Festival Eurochestrías organizado em Sobral - CE em 2015

EUROCHESTRÍAS 2015

- O EVENTO;
- A ORGANIZAÇÃO;
- RELATO DE UM PARTICIPANTE DO EVENTO;

Por Abel Gomes e Fernanda Maia.

Materia: Eurochestrías 2015
Por Abel Gomes e Fernanda Maia.

O evento Eurochestrías tem como objetivo promover o intercâmbio cultural e artístico e incentivar a prática orquestral para jovens, reunindo estudantes de música de muitos países, além de regentes, instrumentistas e coralistas convidados.

Criado em 1989 na região de Charente (França), o evento teve suas edições posteriores sediadas na França, Espanha, Polônia, Eslováquia, Rússia, Canadá e Brasil. Em 2013 o evento teve sua primeira participação na América Latina, realizado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) no Campus de Sobral, reunindo mais de 15 mil espectadores durante uma semana de eventos pela cidade.

Nesse ano de 2015 o evento retornou a cidade de Sobral para ser realizado pela segunda vez em nosso país, em sua 26ª edição. O evento aconteceu entre os dias 12 e 22 de julho, e reuniu alunos do curso de música da Universidade Federal do Ceará - UFC (Fortaleza e Sobral), Universidade Federal do Cariri (UFCA) e da Escola de Música de Sobral Maestro José Wilson Brasil.

Entre os convidados internacionais estiveram, a Orquestra de Tambores da Escola Batorek (Croácia), o Quarteto de saxofones "Malaka" (Espanha), a violinista Profa. Colette Babiaud (França), os regentes Slaven Batorek (Croácia), James Sparks (Canadá) e Claude Révolte (França); sendo este citado por último o presidente do Eurochestrías.

O evento promoveu apresentações gratuitas em diversos pontos da cidade levando música a orquestral, com um repertório variado com músicas de caráter erudito e popular. A Igreja da Sé, North Shopping, Teatro São João, o Auditório do Campus Mucambinho (UFC), Igreja da Nossa Senhora de Fátima, Serra da Meruoca, Igreja do Distrito de Aracatiçu, Igreja do Distrito de Jordão, são exemplo que locais onde ocorreram apresentações.

O professor Marco Antônio Toledo Nascimento organizador do Eurochestrías Sobral, nos fala um pouco de como foi pensado e construído o evento:

“ Organizar o Festival Eurochestrías em Sobral este ano, foi particularmente desafiador.

10 dias de ensaios, concertos, reuniões. 4 grupos, 5 países, minicursos, masterclass. Mais de 100 jovens de três nacionalidades diferentes, tocando juntos, dormindo juntos, comendo juntos. Qual a receita para se organizar um evento como este? Eu não tenho

”

resposta. Quando fui convidado para fazer este breve relato, indaguei-me sobre isso. Como membro da Federação Internacional de Festivais de Orquestras de Jovens Eurochestries, desde 2008, contribuí na realização de festivais em diversos países, porém essas missões sempre foram chefiadas pelo próprio presidente da Federação, com mais de 25 anos de experiência. O que posso responder é que, organizar o Festival Eurochestries em Sobral este ano, foi particularmente desafiador.

O trabalho começou há mais de dois anos atrás, após a realização de nosso primeiro Festival Eurochestries na América-Latina em 2013 que também ocorreu em Sobral. Um festival modesto, que não tinha orquestras de outros países, somente alguns solistas e maestros convidados. Porém, esse festival demonstrou por um lado, a capacidade da Universidade Federal do Ceará, com todo o seu staff, professores, técnicos, estudantes e a administração superior, de organizar um evento artístico de tal envergadura, e de outro prisma, que os estudantes de seus cursos de Música, possuem a capacidade de atuar também dentro de práticas orquestrais.

Sendo assim, nasce o desejo de realizar um Festival Eurochestries nos moldes da França. Esse trabalho começa com três frentes diferentes de ação. A formação de uma equipe de trabalho, a institucionalização desta ação junto à UFC, e a mais dificultosa, achar instituições parceiras que contribuísse para um orçamento superior a 500 mil reais. Sendo assim eu e minha esposa, também professora da UFC em Sobral, submetemos o projeto de extensão junto ao colegiado do Curso de Música – Licenciatura do Campus de Sobral, onde cadastramos o Festival Eurochestries como atividade de extensão e depois como ação artística-cultural. A equipe teve o auxílio de uma bolsa da Secretaria de Cultura Artística da UFC, onde a estudante bilingue do Curso de Música de Sobral, Nara Duarte, integra a equipe. Ao mesmo tempo, juntamente com o Prof. Vicente Pinto, realizamos uma via cruzes visando o apoio financeiro e institucional de possíveis pessoas e entidades. Isso consistiu em diversas visitas à Assembleia Legislativa de Fortaleza, Conselho Estadual de Educação e principalmente na Secretaria de Cultura e Turismo da cidade de Sobral.

Estando certos da possibilidade de realização do evento, em março de 2014, eu e o Prof. Vicente Pinto, apresentamos no Congresso dos Eurochestries na França a candidatura do Campus de Sobral para sediar um dos Festivais Eurochestries de 2015. A partir deste momento, começamos os contatos com os grupos interessados a virem para o Brasil. Foi escolhido então, além dos grupos brasileiros, a recém-criada orquestra sinfônica da UFC e a orquestra da UFCA,

a orquestra de "Tamburas" da Croácia e o quarteto de saxofones "Malaka" da Espanha, ambos pela primeira vez no Brasil. Como convidados, tivemos ainda, a violinista francesa Colette Babiau, e o regente canadense James Spark. O próprio presidente das Eurochestries Claude Revolte veio para participar do festival.



Sendo assim constituído, foi preciso de mais de um ano e meio de contatos diários com essas pessoas, esses grupos e com a própria federação para a constituição do programa, estadia, alimentação, viagem, turismo até o dia "D", chegada de todos no Brasil. Muitos deles passando por Fortaleza e realizando apresentações organizadas pela Secult-Art UFC.

Para tal, o evento ocorreu com uma disciplinada e eficiente equipe organizadora de mais de 80 pessoas. O resultado foi um sucesso total. Um evento de orquestras sinfônicas jamais acontecido na América-Latina. Como o próprio presidente da Federal Eurochestries afirmou, "foi o festival Eurochestries realizado fora da França que mais se assemelhou com os organizados por nós". Além disso, obtivemos um produto final de 13 concertos em diferentes lugares de Sobral e regiões. Um público estimado de mais de 15 mil pessoas que colocaram no palco todos os músicos participantes reunidos sob o mesmo repertório com 6 diferentes regentes.

Bravo a todos da Universidade Federal do Ceará e que venha o próximo Eurochestries em Sobral em 2017.

Fagotista, aluno do oitavo semestre do curso de música da UFC e integrante da orquestra sinfônica da universidade, Rian Rafael Silveira Nogueira nos conta como foi a experiência de participar do evento:

Em julho de 2015 participei do festival Eurochestries em Sobral, atuando como violoncelista da Orquestra da Universidade Federal do Ceará, como iniciante ao Fagote na Prática de Orquestra, e também estive na Oficina de Regência com o Maestro James Sparks.

Pelas manhãs tínhamos ensaio da Orquestra do Festival, onde a grande parte dos integrantes dos grupos musicais participavam. As oficinas aconteciam pela tarde, dentre elas estavam: masterclasses de violoncelo, violino e saxofone, oficinas de regência coral e orquestral, e percussão brasileira e coral. À noite, tínhamos apresentações programadas para fazer nas comunidades de Sobral.

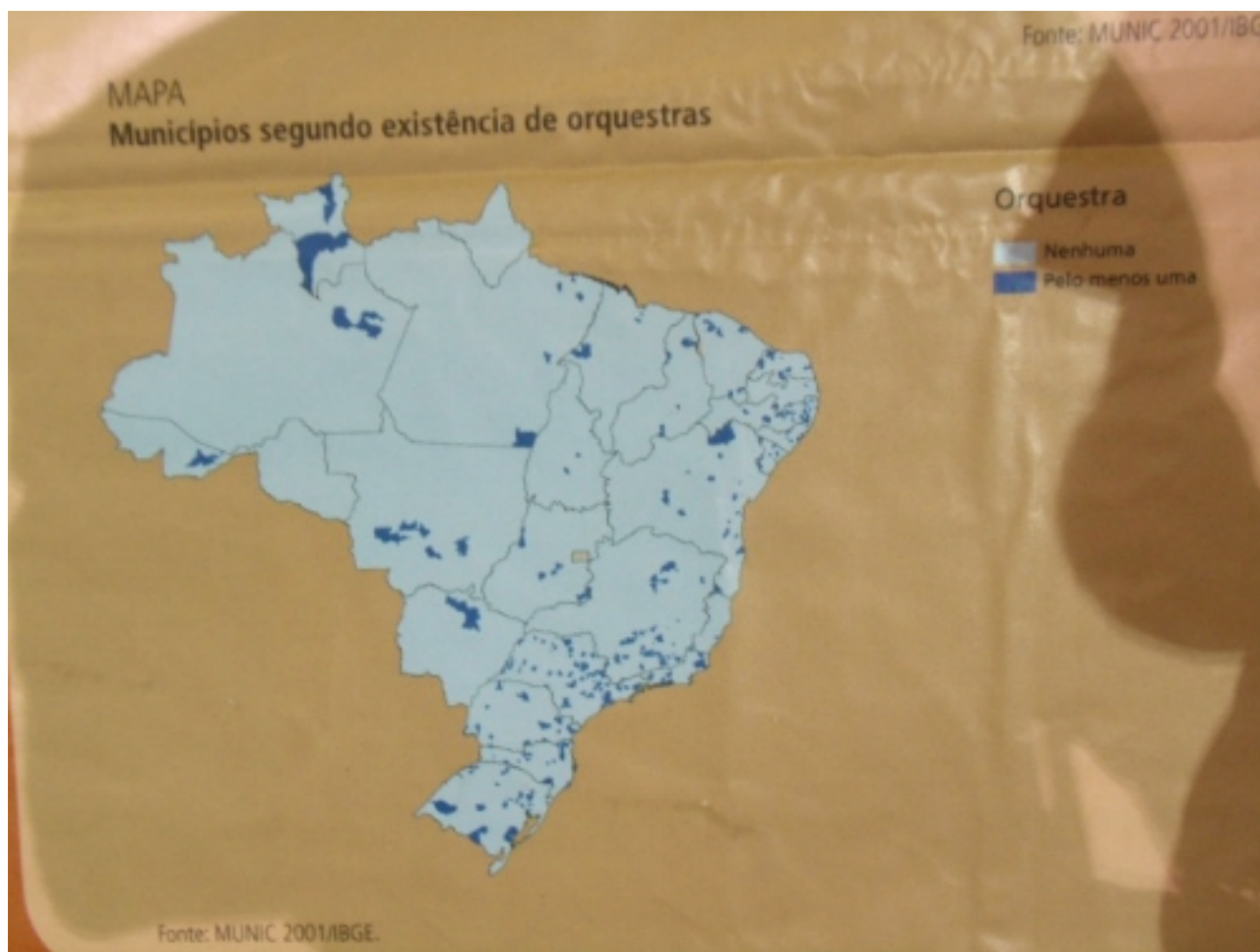
Durante todo esse tempo, ficamos hospedados no CETRESO (Centro de Treinamento de Sobral), com direito a café da manhã todos os dias e uma cama para cada participante. Lá dividíamos o espaço com os croatas, os espanhóis e com o pessoal do Cariri. Quando tínhamos tempo livre, estudamos as músicas da prática de orquestra juntos, e saímos para conhecer os

pontos turísticos da cidade. O festival foi incrível! Tive a oportunidade de me comunicar em outra língua com os estrangeiros, conhecer um pouco da cultura de cada um (inclusive do nosso Cariri), e ainda tive a oportunidade de participar com o fagote, instrumento que só havia tocado cinco vezes em Fortaleza.



1.2. Mapa: Municípios segundo existência de orquestras no Brasil

Na região Norte do Ceará, onde atuamos, há uma carência significativa da prática orquestral, como mostra o seguinte mapa.



Percebemos que a cultura orquestral é bem mais desenvolvida no Sul do país. Para diminuir essa desigualdade em nossa região, a Universidade Federal do Ceará, através dos seus Cursos de Música - Licenciatura (Fortaleza e Sobral) trabalham para mudar a realidade orquestral oferecendo essa aprendizagem musical para os estudantes interessados.

Parte desse processo é o incentivo tanto da participação de nossos estudantes em Festivais de orquestras no país e no mundo, quanto na organização, aqui mesmo em Sobral, do festival Internacional supracitado. Porém, encontramos em dois problemas circunstâncias para participar de tais festivais:

- 1- a maioria dos nossos estudantes não possuem recursos financeiros suficientes para arcar com passagens aéreas;
- 2- a Universidade Federal do Ceará não dispõe da rubrica “passagens” para estudantes.

A organização do Festival e a Prefeitura de Gramado, tendo em vista as nossas dificuldades financeiras, cederam para a nossa orquestra o traslado entre Porto Alegre/Gramado e Gramado/Porto Alegre, assim como as refeições e a hospedagem durante o Festival. Precisamos apenas de passagens aéreas para ir de Fortaleza para Porto Alegre e voltar.